



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844
n. 16, v. 3
out.2021-dez.2021
p. 156-168

Um manifesto queer para decolonizar a cultura pop

(A queer manifesto to decolonize pop culture)

(Un manifesto queer para decolonizar la cultura pop)

Christian Gonzatti¹

RESUMO: Discuto possibilidades que vêm sendo corporificadas em estudos recentes, e desenvolvo reflexões sobre caminhos e desvios para *queerificar* o pop. Assim, por meio de surubas epistemológicas e metodológicas viso, neste trabalho, a construção de orgasmos científicos capazes de pensar o pop no cu do mundo. Como um cidadão científico, bicha e fã, desdubro posições de uma “orgia de conhecimentos” críticos, reflexivos e transformadores do pop em um contexto latino-americano olhando para o próprio cu. Manifesto: a cultura pop, feminina, transviada, sapatona, entrando em nossa bunda com seu imaginário cosmopolita latejante, enquanto a comemos com as pregas do nosso cu latino, jorrando porra utópica para todos os lados e gemendo de tesão pela Nossa América. Uma suruba de saberes. Trans(a)metodológica. Um carnaval de paus, bucetas, cus, suor, ao som de divas, funk, samba, brega, *reggaeton* – corpos brancos, pretos, mestiços. Uma orgia política.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura pop. Queer. Gênero. LGBTQ. Decolonização.

Abstract: In this article, I discuss possibilities that have been embodied in recent studies, reflecting on other paths and deviations to queer pop culture. Through epistemological and methodological orgies, I aim to achieve scientific orgasms capable of thinking pop in the “ass” of world. As a scientific citizen, queer and fan, I unfold positions of a critical and reflective “orgy of knowledge” that transforms pop culture in a Latin American context focused at its own ass. Manifest: pop culture, feminine, queer, entering our ass with its throbbing cosmopolitan imaginary, while we fuck it with the pleats of our Latin ass, spouting utopian cum everywhere and moaning with lust for Our America. An orgy of knowledge. A trans-methodological fuck. A carnival of sticks, pussies, anus, sweat, with the sound of divas, funk, samba, brega, *reggaeton* – white, black, mixed-race bodies. A political orgy.

Keywords: Pop culture. Queer. Gender. LGBTQ. Decolonization.

Resumen: Aquí pongo en discusión las posibilidades que se han plasmado en estudios recientes y desarrollo reflexiones sobre caminos y desviaciones para *queerificar* el pop. Para ello, a través de orgías epistemológicas y metodológicas, pretendo construir orgasmos científicos capaces de pensar el pop en el culo mundial. Como ciudadano científico, maricón y aficionado, desdubro posturas de una “orgia del conocimiento” crítica, reflexiva y transformadora del pop en un contexto latinoamericano desde una mirada en el culo. Manifiesto: la cultura pop, femenina, fuera de lugar, tortillera, entrando en nuestro culo con su palpitante imaginario cosmopolita, mientras nos la comemos con los pliegues de nuestro culo latino, escupiendo semen utópico por todas partes y gimiendo de lujuria por Nuestra América. Una orgía de conocimiento. Trans(a)metodológica. Un carnaval de palos, coños, culos, sudor al sonido de divas, funk, samba, hortera, *reggaeton* – cuerpos blancos, negros, mestizos. Una orgía política.

Palabras clave: Cultura pop. Queer. Género. LGBTQ. Decolonización.

1 Doutorando e mestre em ciências da comunicação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Membro do Laboratório de Investigação do Cibercontecimento (LIC), do PPGCCOM, da Unisinos. E-mail: christiangonzatti@gmail.com.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 10/08/2020
Aceito em 02/06/2021

1 Introdução

Temos Pablo Vittar, a drag queen mais seguida na rede social Instagram no país que mais mata LGBTQ do mundo. Um Wesley Safadão cantando sobre safadezas e sendo evangélico. Sertanejas que performam a liberdade das mulheres, mas não se consideram feministas. Nego do Borel em fotos sorrindo com político fascista e beijando um “gostosão” para celebrar a diversidade (ou seria ‘diver\$idade’?). Anitta emulando a favela em videoclipe e publicando “textão” no qual defende que todas as mortes pesam da mesma maneira. Gleici, mulher preta, pobre, militante e acreana vencedora de reality-show cujo apresentador defende que “representatividade não leva a nada”. Novelas que retratam a vivência trans e a “cura gay”. Uma cultura digital excitada nas artes de fazer – no sentido de Certeau (1994) – com os signos de produções e lógicas das indústrias culturais anglófilas-estadunidenses. Campanhas publicitárias que vendem ideias neoliberais por meio de slogans performáticos – “agro é tech, agro é pop agro é tudo”, em defesa do agronegócio. Entre tantas contradições e complexidades, o que seria, ou poderia vir a ser, o tal pop?

O pop, que já vem contagiado pelas forças colonizadoras, é uma abreviação do que é popular, mas que se diferencia das noções de “cultura do povo”. Perpassando historicamente a *pop art*, as indústrias culturais, os processos de segmentação de uma sociedade do consumo e universos simbólicos vêm sendo constituídos por meio dos engendramentos entre mídias e culturas – e gerando aquilo que se pode entender como cultura pop. (VELASCO, 2010; SOARES, 2014) Em (in)disciplina da pós-graduação em ciências da comunicação², percebi uma calorosa e intensa presença de signos de tal cultura no repertório das/dos colegas. As suas identidades culturais (HALL, 2003), em processo de permanente (re)construção, mostraram-se como moldadas imaginariamente a super-heroínas e super-heróis, divas da música pop, rock, territórios fantásticos da literatura, jogos de videogame e uma floresta semiótica de representações patrocinadas pelo capital e pela tecnologia – que entram em fluxo cultural irrefreável, amplo e passível de ressignificação por meio da hibridização. Relatos, discussões, performances, laboratórios criativos foram, nesse contexto, indicadores das possibilidades de hibridismos com o pop – na perspectiva de García Canclini (1998): capazes de construir novas culturas, artes, manifestações, deslocar o poder dos grandes e o distribuir às pessoas, as capacitando para romper territorialidades e adquirir novos conhecimentos. Processos nos quais eu também estou incluso.

2 Mídias, Identidades Culturais e Cidadania, ministrada pela professora Jiani Bonin e pelo professor Alberto Efendy Maldonado no primeiro semestre de 2018, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos.



O meu “eu” sempre desenvolveu afetos e sensibilidades transviadas com a cultura pop. Se a mensagem era a princesa e o príncipe, eu não queria ser o segundo, mas a primeira. Se os Power Rangers eram símbolos da ação e da luta, eu via alguns deles como possíveis namorados. Se existiam bandas, brincadeiras e músicas adequadas para meninos e para meninas, eu podia ser os dois (ou um terceiro) e colocar uma peruca (de camiseta) para “bater cabelo” como Britney Spears e usar a bola de futebol para teatralizar que estava grávido. Um processo doloroso na medida em que as instâncias da cultura pop que atravessavam a minha subjetividade – durante toda a infância e uma parte da adolescência – hegemonicamente reforçavam lugares praticamente incontestáveis para o normal e o abjeto. Recordo-me, entre tantas *boiolicas*, do meu fascínio por Xuxa – e do quanto o seu lugar de “rainha” exercia poder sobre a minha percepção das “coisas do mundo”. Levando o seu campo de afetação para além das minhas experiências, penso na música *Brincar de Índio*, por exemplo, assim como a sua performatização nos programas infantis da apresentadora³, e o seu reforço de violentos estereótipos e perspectivas dos processos de colonização dos diferentes povos indígenas. Uma leitura crítica que só consegui acessar na minha formação como pesquisador, mas que, como demonstram as análises de Iara Tatiana Bonin, Kirchoff e Ripoll (2018), ainda são integrantes da percepção social e da formação pedagógica. Então, ao mesmo passo que a celebridade era uma das possibilidades de identificação por meio da qual era possível ser uma criança viada (imaginar-me como uma de suas paquitas), ela também reforçava modelos e posições sobre a branquitude e muitos outros aspectos (afinal, qual é a mensagem passada, em um país como o Brasil, na escolha de três apresentadoras brancas e loiras para programas infantis– Xuxa, Eliana e Angélica – para toda uma geração?).

Manifesto aqui possibilidades que vêm sendo corporificadas em pesquisas recentes, assim como desenvolvo reflexões sobre caminhos e desvios para *queerificar* o pop e utilizá-lo como cura. Curar no sentido de buscar inspiração nos saberes de alguns povos indígenas – como os Pankará, da Serra do Arapuá –, entendendo o agir curatório como uma ação xamã, envolvendo a psicologia, espiritualidade, restauração do bem-estar e de relações sociais, fim dos males e doenças. Uma cura que é buscada fora do corpo biológico. (OLIVEIRA; SILVA; OLIVEIRA, 2014) Curar o pop seria, então, refletir sobre a sua potência de ser operacionalizado como resistência, gerador de novos afetos e políticas que sejam antirracistas, antimachistas, antilgbtqfóbicas – o que emergiria de sua *queerificação* e decolonização. Erick Torrico (2018) desenvolve uma análise crítico-reflexiva por meio das relações de poder-saber, das possibilidades de ser e de fazer, propondo uma reumanização comunicacional em um processo

³ Xou da Xuxa (1989), disponível em: <https://bitly.com/SsCFpM> . Acesso em: 14 jul. 2020.



decolonial – o que pressupõe a desconstrução do poder e do conhecimento para reconstruir e emergir novas possibilidades. É preciso, portanto, questionar a suposta superioridade do conhecimento centrado no Ocidente, a preponderância dos dispositivos técnicos sobre os sujeitos humanos e a “coisificação” dos processos interativos com as mídias. Como a cultura pop, inexoravelmente atravessada por um sistema capitalista ocidental, poderia cooperar com uma recuperação do caráter humano da comunicação e com processos decoloniais?

Os estudos queer trazem uma postura questionadora, subversiva e ativista para entender como corpos e vidas enfrentam precariedades e são marcados como desiguais. (BUTLER, 2016; LOURO, 2013; PRECIADO, 2014) Integram um conjunto de conhecimentos que poderiam ser denominados como saberes do cu em uma perspectiva decolonial. Cu porque é um orifício negligenciado, lido como sujo, que só produziria merda, mas que abre possibilidades de outros prazeres e rompe com o sistema sexo/gênero. (PELÚCIO, 2014) Assim, por meio de surubas epistemológicas e metodológicas visto, aqui, a construção de orgasmos científicos capazes de pensar o pop no cu do mundo. Penetrando-o com movimentos críticos e de experimentação, busco produzir inferências semeadoras de uma cidadania pop e como as pesquisas podem posicionar essa transa – bebendo o sêmen teórico de algumas autoras e autores que já “bateram punhetas e siriricas” sentindo o cu da cultura pop.

A construção deste manifesto decorre de intensa penetração das ideias de Maldonado (2011), quando propõe uma noção de cidadania científica. Tal cidadania aponta os direitos de pesquisadoras e pesquisadores para investigar, experimentar, criar, projetar, planejar, programar e produzir conhecimento por meio de concepções e projetos que resultem em novas configurações pedagógicas, acadêmicas, de investigação e políticas. O direito de amar a ciência (ou de obter prazer e gozo por meio dela), entre outros, pode, portanto, denotar uma contraposição à ciência masculina, positivista e aos saberes que priorizam o “como lucrar mais?” em um sentido econômico-capitalista. Decorre, também, da criação de muitos manifestos proposta por Santos (2008): cada um deles capaz de abrir caminhos para sociedades alternativas ao fascismo social, fortalecendo as globalizações contra-hegemônicas. Como um cidadão científico, bicha e fã, desdobro posições de um “*kama sutra*” crítico, reflexivo e transformador do pop em um contexto latino-americano.

2 Por uma cidadania pop e poc

Os X-Men são um grupo de pessoas que nasceram com um gene especial que faz com que desenvolvam habilidades especiais, sendo marcadas como mutantes. Em decorrência dessa diferença, passam a sofrer preconceitos e a viver na clandestinidade. O grupo foi criado para ser



uma metáfora em relação ao racismo, mas também se tornou um signo de identificação para muitas pessoas LGBTQ. Nessa conjuntura, conteúdos são produzidos por fãs brasileiros hibridizando as personagens das revistas em quadrinhos (HQ) da empresa estadunidense Marvel com transviadices latino-americanas. É o caso da *webserie* X-Pocs⁴. Expressões do pajubá/bajubá, a linguagem desenvolvida pelas travestis, e toda uma vivência *camp* passam a compor as identidades das personagens. *Poc*, um termo que surge com teor pejorativo para designar bichas afeminadas e pobres, é resignificado – assim como queer – e passa a qualificar uma série de inventividades e vivências que buscam nas *boilices* e na cultura pop novas configurações comunicantes, políticas e cidadãs. Não só nas “mutantes do cu do mundo”, mas em muitas territorialidades em que empenhos, nas lógicas do que reflete Peruzzo (2016) em relação à cibercultur@, são realizados para dotar de novos sentidos as ecologias simbólicas e reconstruir relações que podem ser negativas se vistas por meio do vetor tecnológico. Redes de sociabilidade *poc* têm, portanto, espalhado performances de música pop na qual o vestido da diva é feito com sacos de lixo e o salto alto com tijolos⁵; tornado a Cuca do folclore brasileiro um símbolo LGBTQ⁶, desenvolvendo expressões de si que buscam nas injúrias o divar – como “bicha, a senhora é destruidora mesmo, viu viado”⁷; não em totalidade, envolvem-se em ativismos que visam o rompimento com a heteronormatividade dos “padrõesinhos” e das “biscoiteiras”; e muitas práticas que acionam novas maneiras de ser e fazer algo no mundo.

Entendendo que a cidadania envolve a reflexão sobre os sujeitos comunicantes e as novas culturas políticas, torna-se importante pensar sobre um dos grandes problemas do capitalismo tardio na perspectiva de Cortina (2005): deslocar o interesse em satisfazer desejos individuais das pessoas para a construção de comunidades ativas na transformação do mundo. Ela compreende que nesse processo o sentir-se parte de um grupo e a emotividade que surge do sentido de pertença estão engendrados a um conceito pleno de cidadania. Tal conceito envolve conjuntos de direitos e responsabilidades, assim como uma identidade de pertencimento. Como consequência, diferentes culturas podem se associar por meio de uma ética intercultural, constituindo para construir uma convivência mais justa e feliz. A compreensão das diferenças culturais pode mobilizar uma nova política e outras relações com o mundo. Maldonado (2011), em concordância, infere que a cidadania foi ampliada para a problemática de criação de modos de vida social e de orientação para novas estruturas sociais, culturais, políticas e comunicativas. Que coisa estranha seria, então, uma cidadania pop e *poc*?

4 Disponível em: <https://bityli.com/mk5kBp>. Acesso em: 16 jul. 2020.

5 Disponível em: <https://bityli.com/wJg5EL>. Acesso em: 16 jul. 2020.

6 Fonte: <https://bityli.com/41jSzQ>. Acesso em: 16 jul. 2020.

7 Programa que deu origem à expressão: <https://bityli.com/9mJ3cF>. Acesso em: 16 jul. 2020.



Proponho três aspectos centrais – dos quais direitos e responsabilidades podem ser desdobrados – para refletir sobre uma cidadania *pop* e *poc*. O valor da afetação *boiola*, *bicha*, *travesti*, *sapatona*, *maricona*, *viada*, do *cu* para viver, experimentar e contaminar o *pop*, a reinvenção, redistribuição, hibridizações e ressignificações desses processos em um novo paradigma de América e uma mirada popular no *pop*. Por meio desses movimentos, mobilizar uma consciência transcultural, transnacional (HALL, 2003), e decolonial seria uma das possibilidades da *queerificação* e cura da cultura *pop*.

Para perceber e tomar como direito a afetação, proponho a relação com o terceiro manifesto *camp*, de Lopes. (2002) Para o autor, a ironia, a teatralidade, o espaço de deriva entre as categorias; o embaralhamento e a desqualificação entre as distinções de alta e baixa cultura; uma postura estetizante do mundo; a substituição do macho alfa pela bicha louca; o rompimento com a reafirmação impositiva do masculino como vetor de sucesso e poder do mundo; a revelação da natureza artificial de todas as categorias sociais e dos padrões de comportamento; a reconfiguração do espaço público por meio do ludismo com os produtos *pop*; a incorporação da fantasia e das belezas subversivas no cotidiano formam sociabilidades por meio de códigos específicos que se contrapõem a uma moral universal. Tais aspectos seriam elementos configuradores e passíveis de mediação da vivência *poc* (*queer*, *cu*). Do direito à pomba-gira Lady Gaga (MARANHÃO FILHO, 2015) fluir e habitar os corpos que desejarem incorporar o seu espírito ao uso dos signos da cultura *pop* para desenvolvimento de ativismos, criações artísticas e sociabilidades, à moda como desarticuladora de binarismos e rompedora de regulações que impõem precariedades. O direito de “dar tinta”, *close*, *baphonizar*.

Como, por meio do *pop*, podem ser manifestados rompimentos com a globalização hegemônica estadunidense? Santos (2008) aponta a ameaça de constante emergência do fascismo como um regime social – o que se configuraria por meio da invasão das lógicas do mercado em todas as áreas da vida, além da econômica. Defende que uma alternativa para tal cenário seria a construção de novos padrões de relações locais, nacionais e transnacionais baseadas na redistribuição de riquezas para alcançar a igualdade e no reconhecimento do Outro para valorizar a diferença. Pensa, nesse sentido, em globalizações contra-hegemônicas – assim como na elaboração de novas sociabilidades, subjetividades e epistemologias e da ruptura com uma ciência atravessada pela história dos vencedores. Forças contra-hegemônicas estariam na mudança de paradigma dos localismos globalizados e dos globalismos localizados (contexto no qual a cultura *pop* tem comumente operado por meio das indústrias culturais) para o cosmopolitismo e o patrimônio comum da humanidade. Os processos hegemônicos de exclusão podem ser enfrentados, então, por meio de resistências



[...] que reagem contra a exclusão social, abrindo espaços para a participação democrática, para a construção da comunidade, para alternativas a formas dominantes de desenvolvimento e de conhecimento, em suma, para as novas formas de inclusão social. (SANTOS, 2008, p. 96)

A cultura pop e a sua potência de articular afetos e sensibilidades (SOARES, 2014) por meio de redes de fãs pode ser acionada como uma possibilidade agonística por intermédio da incursão de novos sentidos em seus circuitos. Primeiro é preciso entender a desigualdade que atravessa a relação de diferentes identidades com os universos do pop – como a necessidade de acesso ao capital econômico para a fruição estética de determinados produtos. Tal cultura tomada como patrimônio comum da humanidade deve ter a sua circulação como um bem cosmopolita passível de ser acessado por todas e todos – alguns shows feitos em Cuba (SOARES, 2016a, 2016b) poderiam ser um primeiro modelo para emular o pop do capitalismo em uma dimensão socialista. O afeto seria a moeda de troca e as políticas nacionais e internacionais poderiam introduzir novas perspectivas de capital para ressignificarem gradualmente a relação com o consumo. No entanto, tal resistência só poderia ascender com a ajuda de mudanças retóricas nas decisões políticas. Diante de um contexto político tangenciado pelo fascismo, a dimensão *poc* da cidadania proposta aqui tomaria o pop pelo cu, de uma indisciplina com teor anarquista e desobediente, deflagrando um novo paradigma de América.

Inspirada e potencializada pelas lutas feministas, antirracistas e movimentos dos povos indígenas, proponho uma antropofagia do pop – uma analogia à recuperação crítico-reflexiva de Santos (2008) da manifestação de Oswald de Andrade. “Comer” o pop por meio do nosso cu latino pode produzir novas perspectivas de mundo. Uma curadoria das estéticas e narrativas da cultura pop que possibilitam a construção de saberes negligenciados e ativismos transformadores por intervenção das forças criativas das/dos fãs (AMARAL; SOUZA; MONTEIRO, 2015) pode ser uma das potências do nosso “canibalismo”. Nos ativismos célebres, no olhar crítico para performances e produções que reforçam violências e preconceitos, na potencialização de hibridizações politicamente incorretas, que não temam o sexo e a diferença, podem ser mobilizadas utopias. De *God is a Woman* a Deus é uma travesti-orixá-ciborgue.

Todos esses processos remetem ao direito de uma penetração popular no pop. Peruzzo (2008) retoma que a comunicação popular, alternativa e comunitária seria a expressão de lutas populares por melhorias na vida por meio de movimentos sociais, representando espaços de participação democrática das cidadãs e cidadãos. Tal comunicação possui um conteúdo crítico, de emancipação e reivindicação e tem o “povo” como agente principal, o que a torna um processo educativo e transformador. Ela tem, também, um caráter de instrumentalidade política das classes subalternas para visibilizarem as suas concepções de mundo, anseios e compromissos



com a elaboração de uma sociedade igualitária e justa – os meios de comunicação seriam, portanto, instrumentos que alimentam esses processos. A pesquisadora aponta que essa comunicação vem se atualizando e assumindo diversas feições nas últimas décadas. A cultura pop, nesse circuito, tem sido foco de discussões sobre representatividade – dimensão já materializada em táticas e estratégias de fãs mulheres e LGBTQ que desenvolvem produtos para circularem de maneira exógena, ainda que colaborativas, às indústrias culturais. Caberia então incentivar a circulação popular de narrativas não-canônicas para a formação criativa de artistas, incentivando uma futura tomada dos meios de produção pelo povo. A sapatona no protagonismo, a mulher preta no roteiro e direção, a bicha na fotografia e toda a “putaria” possível nas diferentes instâncias da produção cultural.

3 Surubas de pesquisa

Historicamente, há um campo empírico excitante e regozijador para estudar a cultura pop em diálogo com dimensão cidadã manifestada aqui. Das performances das Dzi Croquettes e de Ney Matogrosso no contexto da ditadura militar; do *camp latino* (inter)nacionalizado por Carmem Miranda; das operações nas quais a música pop é configurada como resistência; de leituras contestadoras e políticas das telenovelas; das iniciativas artísticas como espaço de contestação – de exposições como “O agro não é pop”, de Denilson Baniwa, a raps de MCs Guarani-Kaiowás; dos elementos simbólicos das identidades culturais cooptados e simbolizados pelas indústrias – do giro da mãe de santo ao giro da Mulher-Maravilha; do pop periférico de Linn da Quebrada; de iniciativas de cobertura jornalística que constroem críticas culturais em perspectivas feministas das produções da cultura pop; dos ativismos que utilizam a cultura pop em movimentos sociais; da reconfiguração hibridizadora de estéticas e narrativas do pop; e muitas outras transas possíveis. Materializo, portanto, alguns caminhos para alcançar o gozo na proposta de entender como a cultura pop pode ser dimensionada e analisada por meio de sua *queerificação/cura*. Para isso, é preciso reconhecer a conjuntura indicada por Maldonado (2014, p. 22):

Nos processos de inter-relação dos sistemas midiáticos com os públicos, estes últimos são sujeitos complexos de caráter histórico, social, cultural, político, ético, estético, técnico e psicológico que se constituem como sujeitos comunicantes em receptividade comunicativa. É atividade definidora de seu caráter a produção de sentido (ressignificações para estabelecer pactos ou distinções); as apropriações socioculturais dos bens imateriais ofertados (diversos usos e relações); a produção de processos interpenetração psicológica em grupos (gerar emoções, desejos, sensações, sonhos); a organização de temporalidades e espacialidades sociais simbólicas (estruturando micros e macros mundos); o exercício de habilidades e competências técnicas orientadas a estabelecer nexos e vínculos com outras pessoas e grupos (domínios de programas, rituais, objetos, ambientes, idioletos, máquinas, instrumentos e procedimentos); as ações tendentes à construção de poderes comunicativos (retóricas, tráficos simbólicos,



compromissos, subserviências, forças hermenêuticas, competências articuladores; estruturação de processos e meios, alianças, construção de grupos e de redes); a fruição estética (que revitaliza, aliena, entusiasma, comove, ensina, desestabiliza). (MALDONADO, 2014, p. 22)

Para o autor, esses conjuntos e outros não abordados estabelecem multiplicidades e multidimensionalidades que solicitam a elaboração de estratégias transmetodológicas para pesquisar diferentes sujeitos. Um movimento indispensável é reconhecer o caráter de sujeito comunicante dos envolvidos em qualquer método: são cidadãos que têm questões importantes para falar, ensinar, aprender, questionar e produzir. Em uma operação teórica transdisciplinar, perspectiva-se, assim, refletir sobre como os estudos (do) cu(eer), feministas, decolonias, nas dimensões levantadas podem aparecer em pesquisas sobre comunicação e cultura pop. Tomando como principal diretriz a elaboração de reformulações metodológicas transformadoras que se distanciem do positivismo, defende-se a posição de bicha intelectual (MARCONI, 2017) para mergulhar em problemáticas específicas e entender a ciência como ativismo.

Como bichas intelectuais, saberes localizados e experiências de subalternização diante de políticas heterossexuais e reguladoras do gênero (BUTLER, 2014) perpassam a subjetividade e emotividade das/dos pesquisadoras/pesquisadores, devendo ser contextualizadas – e, acrescento, dos sujeitos comunicantes em pesquisas de apropriação midiática/receptividade comunicativa. Seguindo os pressupostos de Certeau (1994), bichas, nesse contexto, podem manipular os sistemas de representação e os procedimentos de fabricação, caçando sentidos em textos e ressignificando quadros normativos – a drag queen e o do drag king, por exemplo, usam em muitas instâncias as próprias lógicas do capitalismo para demonstrar a artificialidade do gênero, assim como sinalizam um espaço de vitória ao oprimido no qual ele fabrica gêneros. Cabe, portanto, ir aos movimentos exploratórios e de sistematização abandonando perspectivas normalizadoras, higienizadoras, tomando categorias binárias para caracterizar sujeitos e suas competências multimidiáticas das relações com as mídias, seguindo as reflexões de Bonin (2016). A pesquisadora também coloca em perspectiva as alterações de modos que ocorrem com os sujeitos e os produtos das grandes mídias quando eles são incorporados aos cenários digitais.

No contexto digital, podem ser percebidas zonas de interface entre a cultura pop e as redes de sociabilidade que se configuram visando resistir ou reconfigurar o avanço de ideais fechados às diferenças e propulsores das desigualdades. Castells (2013) discute o papel da internet no desencadeamento, ampliação e coordenação de revoltas espontâneas como movimento expressivo de indignação, principalmente entre os jovens. No seu entendimento, as pessoas podem desafiar as forças de dominação por meio da conexão, do compartilhamento de sensibilidades, do companheirismo e construção de projetos alternativos para si próprias e para a



sociedade – o que dependeria de redes de comunicação interativa. Emergem, assim, movimentos que levam a indignação às ruas e trazem esperanças democráticas para as pessoas. A cultura pop tem, analogicamente, sido força propulsora e articuladora de redes ativas para sensibilizar a transformação do mundo. Na Marcha das Mulheres, em 2017, nos Estados Unidos, como recuperado em Henn, Gonzatti e Esmitiz (2017), celebridades e narrativas feministas construídas por meio de séries como Harry Potter foram signos de potencialização do debate e interesse sobre feminismo no contexto brasileiro. Convém, no entanto, questionar a maneira como nos tornamos reféns de determinadas plataformas de sociabilidade, como o Facebook. A lógica algorítmica do site, circulando conteúdo de acordo com o investimento financeiro e utilizando as informações dos usuários sem pleno consentimento deles, contrapõe-se à liberdade da informação, como reflete Moglen (2012). O que também integra uma lógica de concentração midiática engendradora a relações de poder.

Refletindo sobre o sistema midiático do Uruguai, Kaplún (2015) pensa em estratégias estatais para limitar a concentração dos meios em poucas mãos. A reflexão sobre o audiovisual atravessa todas as instâncias de comunicação na América Latina – jornalismo, sites de redes sociais, televisão, rádio, cinema. O projeto apresentado pelo pesquisador não propõe uma regulação ou censura de conteúdo, mas a criação de estratégias fomentando o desenvolvimento de produções nacionais, não de “enlatados” de fora do país, garantindo o direito à informação, a liberdade de expressão não dos donos dos meios, mas de jornalistas e cidadãos, incorporando a ideia da importância do público nesse processo. Exige, também, uma explicitação e publicação dos códigos e normas que regem os conteúdos de diferentes meios, assim como reformula normas sobre a publicidade eleitoral para oferecer suficientes garantias democráticas. Porém, é difícil imaginar a possibilidade de avanços democráticos em conjunturas atuais, nas quais o diálogo e a possibilidade de agência são cada vez mais contingenciados pelo mercado. É nesse sentido que a cultura pop pode operar como um signo mobilizador de esperanças dentro do capitalismo.

Observar, descrever e ampliar iniciativas pedagógicas entrelaçadas aos territórios simbólicos da cultura pop pode funcionar como um “cavalo de Troia”. Minar os sentidos percebidos em alta visibilidade de outras estéticas, saberes, políticas e críticas configura uma ferramenta para inocular as ideias de transformação das desigualdades e abertura às dissidências de gênero, sexualidade, étnico-raciais, políticas, éticas, estéticas, corporais, entre tantas outras. O jornalismo, citando uma instância comunicacional, pode sinalizar usos de narrativas multimidiáticas (MARCHEZAN, 2016) que aumentem o interesse em saberes negligenciados, como a reflexão sobre gênero, com o auxílio da visibilidade da cultura pop – como algumas das



iniciativas já desenvolvidas na internet (Nó de Oito, Preta Nerd & Burning Hell, *podcasts*). A partir daí, nós, pesquisadoras e pesquisadores, podemos agir investigando e trazendo novas orgias ao conhecimento científico, à prática comunicacional, aos grupos de fãs, às nossas redes de sociabilidades. De uma democracia diva a uma democracia social transformadora.

Gozo o manifesto. Dar o cu porque essa é a inversão. Dar o cu como potência. A cultura pop, feminina, transviada, sapatona, entrando em nossa bunda com seu imaginário cosmopolita latejante, enquanto a comemos com as pregas do nosso cu latino, jorrando porra utópica para todos os lados e gemendo de tesão pela *Nossa América*. Uma suruba de saberes. Trans(a)metodológica. Um carnaval de paus, bucetas, cus, suor, ao som de divas, *funk*, samba, brega, *reggaeton* – corpos brancos, pretos, mestiços. Uma orgia política.

Referências

AMARAL, A.; SOUZA, R. V.; MONTEIRO, C. De Westeros no #vempraruá à shippagem do beijo gay na TV brasileira. Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital. *Galaxia*, São Paulo, n. 29, p. 141-154, 2015.

BONIN, I. T.; KIRCHOF, E. R.; RIPOLL, D. Disputas pela representação do corpo indígena no Twitter. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 219-247, 2018.

BONIN, J. Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. In: MOURA, C. P.; LOPES, M. I. V. (org.). *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 213-231.

BUTLER, J. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, J. Regulações de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, 2014.

CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORTINA, A. *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania*. São Paulo: Loyola, 2005.



GARCÍA CANCLINI, N. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: GARCÍA CANCLINI, N. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998. p. 283-372.

HALL, S. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília, DF: Unesco, 2003. p. 26-50.

HENN, R.; GONZATTI, C.; ESMITIZ, F. Pussy made of steel: os sentidos inaugurados por um cartaz da *Women's March* na página Supergirl Brasil. *Revista Fronteiras*, São Leopoldo, v. 19, n. 3, p. 401-414, 2017.

KAPLÚN, G. Nota sobre la ley de servicios de comunicación audiovisual de Uruguay. *Revista EPTIC*, São Cristóvão, v. 17, n. 2, p. 183-187, 2015.

LOPES, D. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MALDONADO, A. E. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 20., 2011, Porto Alegre. *Anais eletrônicos [...]*. Campinas: Galoá, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2ZH3dO1>. Acesso em: 31 out. 2021.

MALDONADO, A. E. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. In: TORRE, A. E. M. G. (coord.). *Panorâmica de investigação em comunicação no Brasil: processos receptivos, cidadania e dimensão digital*. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014. p. 17-40.

MARANHÃO FILHO, E. M. A. A pomba-gira Lady Gaga e a travesti indígena: (re/des)fazendo gênero no Alto Rio Negro, Amazonas. *Mouseion*, Canoas, n. 22, 2015.

MARCHEZAN, E. Imersão e agência no webjornalismo: estratégias narrativas para a produção da grande reportagem multimídia. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA, 2., 2015, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2016.

MARCONI, D. Bichas intelectuais: um manifesto pelos saberes localizados. *Cadernos de Comunicação*, Santa Maria, v. 21, n. 3, p. 54-63, 2017. Disponível em: <https://bityli.com/OsoHz7>. Acesso em: 12 jan. 2018.



MOGLEN, E. El manifiesto puntocomunista. In: LAGO MARTÍNEZ, S. (comp.). *Ciberspacio y resistencias: exploración em la cultura digital*. Buenos Aires: Hekht Libros, 2012. p. 69-81.

OLIVEIRA, E. G. S.; SILVA, E.; OLIVEIRA; F. G. S. A ciência dos indígenas Pankará na Serra do Arapuá: uso dos recursos naturais na terapêutica e ritualística. *Opará: Etnicidade, Movimentos Sociais e Educação*, Paulo Afonso, v. 2, n. 3, p. 19-35, 2014.

PELÚCIO, L. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 1-24, 2014.

PERUZZO, C. M. K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaborações no setor. *Palavra Clave*, Bogotá, v. 11, n. 2. p. 367-379, 2008.

PERUZZO, C. M. K. Para entender la cibercultur@ em lá práctica: reflexiones partiendo de investigación en la comunidad emergente de conocimiento local la outra mina de Charcas SLP-México. *Revista Observatório*, Palmas, v. 2, n. 2, p. 144-175, 2016.

PRECIADO, P. B. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

SANTOS, B. S. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOARES, T. Abordagens teóricas para estudos sobre cultura pop. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, p. 139-152, 2014.

SOARES, T. Acionamentos geopolíticos num show de música pop em Cuba. *Galaxia*, São Paulo, n. 33, p. 171-183, 2016a.

SOARES, T. Lady Gaga em Cuba. In: JESUS, E. *et al.* (org.). *Reinvenção comunicacional da política: modos de habitar e desabitar o século XXI*. Salvador: EDUFBA: Brasília: Compós, 2016b. p. 85-96.

TORRICO, E. A re-humanização da decolonização comunicacional. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CRÍTICA EM COMUNICAÇÃO, 3., 2018, São Leopoldo. *Anais [...]*. São Leopoldo: Unisinos, 2018.

VELASCO, T. Pop: em busca de um conceito. *Animus*, Santa Maria, v. 17, p. 115-133, 2010.

